



Gaiato

23 DE AGOSTO DE 1969
ANO XXVI — N.º 664 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

África

Seguimos pari passu a visita do Santo Padre. Com emoção acompanhámos a sua emoção, o seu carinho, que nos pareceu mais confessado do que nunca, nas anteriores viagens.

Também amamos muito a África. Também, desde a primeira vez que lá fomos, experimentámos uma intuição dos seus valores, de uma riqueza humana escondida por um primitivismo, onde vulgarmente se vê apenas folclore. Pois não será de conceber-se no homem primitivo valores mais próximos do homem original que Deus criou, em relação àqueles por quem passaram civilizações e civilizações criadas pelo homem?!

Não negamos o valor das civilizações. Parece-nos até que elas são um dever. No homem original Deus guardou um potencial imenso, que a inteligência e a vontade dos homens havia de ir explicitando e desenvolvendo pelo tempo em fora. Porém, assim como a reflexão teológica, sendo um valor e um dever indiscutíveis, não tirou nada da sua fundamentalidade às Fontes da Revelação, às quais se sente hoje, tão intensamente, a necessidade de voltar — assim também, humildemente, temos de aceitar que no homem primitivo haja, em estado puro, qualidades que a civilização embotou no homem evoluído.

Portanto quem quer que emprenda missão civilizadora — para que esta seja autêntica,

frutuosa (diria, até, possível!) — acautele-se da tentação de soberba, de auto-suficiência, que é pretender conformar os outros à sua imagem e semelhança; porquanto nessa errada perspectiva de base, com cer-

Continua na QUARTA página

Sinfonia incompleta

Quantas não escrevemos nós! Pois haverá composição mais sublime do que a formação de um homem?! Buscar na natureza de cada um os valores dispersos, às vezes dissonantes de per-si, e achar-lhes uma união harmónica, e retocar infinitamente essa harmonia, que será executada depois, ao longo de

uma vida, com a marca específica daquele em que os valores foram buscados que é a sua personalidade — que vocação apaixonante, que talento que só Deus dá a quem dá! É necessário uma humildade e paciência que ultrapassem a vulgar medida humana. São indispensáveis a pobreza, a contradição, a dor...

Diz-nos a História que foi geralmente assim com os músicos de memória inolvidável... Como não sê-lo com a música divina da formação dos homens, se o próprio Autor da sinfonia da Salvação, nasceu na humildade, viveu na pobreza, sofreu em paciência a contradição, invicto no amor até ao fim!?

Cada Rapaz representa para nós uma geração autêntica, que se dá à luz em sofrimento — morte que desabrocha em ressurreição, em glória de uma vida que ensinamos a viver, em luz de um rasto que ajudamos a acender.

Mas quando a geração aborta?!... Quando a harmonia amorosamente procurada se desfaz na dispersão dos valores, às

Continua na TERCEIRA página



O ARMAZÉM DA CASA DO GAIATO DE LOURENÇO MARQUES

Aqui, LISBOA

O homem, senhor da técnica, chega à lua e parece atingir o zénite do progresso material, sem contudo conseguir a resolução dos problemas candentes que o afligem e estão na base da sua felicidade. A fome, o desemprego, a carência de abrigo, a doença, a guerra e não sabemos que mais, grassam por toda a parte. Sob a aparência de abundância e de felicidade escondem-se as mais graves carências e as maiores dificuldades. O paraíso terreal, atingível no parecer de alguns, é e será utopia e tanto

mais distante quanto mais nos convencemos da nossa auto-suficiência. O desequilíbrio existente entre o avanço da técnica e o desenvolvimento das normas morais e espirituais assume cada vez proporções mais acentuadas. Nunca houve tantas neuroses e frustrações como na nossa época. O suicídio é querido, sobretudo, dos excelentemente instalados e dos que usufruem maior bem estar material. Era tecnológica, assim se apelida já o tempo em que vivemos. Não sabemos, porém, como classificar um tempo em que, como nunca, o egoísmo invade todos os sectores e em que a própria felicidade se quer construir paradoxalmente à custa da infelicidade dos que estão a nosso lado. O homem, ao fim e ao cabo, continua a viver intranquilo, sob o peso avassalador das suas próprias

Continua na QUARTA página

LOURENÇO MARQUES

A Casa do Gaiato é um espelho de duas faces, onde se reflete o bem e o mal da sociedade. O bem, enquanto é ponto de convergência das reacções benéficas de pessoas bem formadas, perante os problemas daqueles que o mundo alijou à margem da vida e aqui vêm dar; o mal, enquanto depositária e herdeira de frutos dos vícios de consumo corrente numa sociedade evoluída.

A dedicação que pomos em servir os filhos de ninguém, dá-nos percepção mais apurada dos factos que, dia a dia, vamos relacionando com os males a que acudimos. A desagregação familiar que vitima muitas crianças, por vezes tem a sua origem na ocupação profissional que muitas mães procuram fora do lar mais por uma suficiente independência do marido, que por necessidade de entre-ajuda. Se

juntarmos a isso, ainda, a ausência do lar para os encontros frívolos de sociedade, vemos que frequentemente as crianças ficam entregues a si próprias, ou, com mais exactidão, aos serviços. Alguém dizia que em Lourenço Marques a educação das crianças é trabalho para «mainatos».

Assim sendo, não é para admirar que já hoje a juventude se alheie dos valores morais e siga um caminho de livre iniciativa, desrespeito e contestação.

Vem isto a propósito da local do «Notícias» sobre a fuga de casa de duas raparigas de doze e quinze anos em que a Polícia de Segurança Pública interferiu com extrema felicidade, pondo tudo a claro, censurando publicamente os pais das mesmas «pela demasiada liberdade irresponsável que certo sector da nossa juventude desfruta, devido à indiferença

dos pais em conhecer como os seus filhos passam o tempo que estão longe deles e, principalmente, as suas horas de distração».

O acontecido foi um alerta para os pais e merece a reflexão de nós todos.

x x x

A nossa Festa — Espera-se que seja na primeira quinzena de Setembro. Os ensaios demoram, não só pela inexperiência de alguns que nunca entraram num palco, como sobretudo pelo trabalho de João na escolha de músicas, arranjo de letras, encenação e ensaios que só aos domingos pode fazer. Temos já a certeza de agradar, e esperamos não só uma sala cheia, mas segunda com certeza.

Padre José Maria

Já pensaste bem, leitor, no título que encabeça esta crónica? Tanta coisa de que necessitamos!

A oferta de 100\$, vinda de Leiria e seu cartãozinho:

«Tenho-vos presente no dia do meu aniversário. Vocês ajudam-me a passar um dia mais feliz. Aí vai o testemunho da minha amizade e gratidão.»

Ó simpatia!

E continua o rol.

Assinante 17371, de Lisboa, com um cheque de 6.500\$00, desejando que a «esquerda não conheça o que faz a direita.»

Ainda de Lisboa, Maria Helena com mil. Ass. 16264 e Marido, enviam mensalmente quantias várias a dividir por esta Casa e Calvário. De Lisboa - 2, «pelas melhoras dum ente que-

Do que nós necessitamos

rido», 200\$00. E. D. E. com os 20\$ de sempre. Através da Ideal Rádio, 740\$70, dum compatriota nossa, residente em França. Para o que for mais necessário, 50\$00. Aveiro com 100\$. Ana, de Vila da Feira, com 100\$, visto sua filha ter conseguido emprego. Mário, envia-nos o díizimo sobre horas extraordinárias, como havia prometido e, com alegria o cumpre. São 50\$00 mais 20\$00.

Senhora C. J. P. B., poderá espiritualmente acompanhar a nossa missa, pelas 7 e meia do

dia 29 deste mês de Agosto.

Uma mãe aflita, com 50\$00. António, mensalmente presente. Promessa de 150\$. «Por alma do meu marido», 50\$00. Ass. 6691, funcionária da 4.ª repartição da D. S. F. dos C. T. T., com 500\$. Barreiro com 200\$, em cumprimento dum promessa. Laurinda com 100\$. Roupas de Leça da Palmeira. Família Peres, visitou-nos e deixou 1.060\$. «Em acção de graças pela dispensa de exame de minha filha», 100\$00. Vouga I com 100\$00. Mais vestuário de Portalegre. Uma caixa com muitas camisas dum nosso amigo e cliente da tipografia, de Montalegre. Da Comissão de Beneficência da Queima das Fitas de 1969, recebemos 14 contos. Bem hajam, pela lembrança de todos os anos.

E este postalzinho: «Enviei em nome das crianças de Grândola, um vale postal de 531\$50, para auxílio da vossa Obra. Aproveitamos a oportunidade para perguntar como vai o Avelino. Pedindo desculpa pela modestia da oferta».

Ora o Avelino é um dos nossos, vindo daquela Terra. E como é lindo este sentido de responsabilidade mantido desde que ele veio!

Mais 1.000\$ do Porto. Antero com 100\$. E 50\$ dum recluso da Cadeia Central do Norte. 2 dólares de Fall River. Lisboa

com 200\$00. Do Porto, «recebi 100\$00». E 20\$00 da Póvoa de Varzim, dum senhora que lastimou muito o não termos ido lá por ocasião das nossas festas.

E mais 3 presenças do sobrevivente do casal R. D., de Viseu. Ass. de Rio Tinto, cá vai todos os meses com os 100\$ habituais. 50\$ de Santo Ovídio. Um «Grupo de Amigos» da Escola Industrial de Gouveia, marcam presença com 410\$00. Um vigésimo de algures. Assin. 10250, com 50\$. Anónimo do Porto com 50\$. Mais uma «migalha» de 500\$00, de Valongo. Dum grupo de devotos do Menino Jesus de Praga, de S. Mamede de Infesta, 100\$00.

Cá vão os donativos com legendas já conhecidas desta coluna. «Obra de Deus, para os Pobres», 40\$ + 40\$ + 40\$. 75\$ mensais em selos de correio, vindos desde há muito, da Amadora. Lisboa com 1.680\$. E o casal muito amigo, que nos envia o abono de família de sua filhinha. Como devem ser felizes! Deus vos ajude, pela ternura com que nos olhais. Sinto-me confuso, ao ler sempre o vosso cartãozinho com que enviais a migalhinha mensal.

Da Murtosa, velha amiga da Obra, recorda o dia 16 e envia-nos 500\$, dizendo: «São rosas que deponho na campa de Pai

Américo, pelo décimo terceiro ano da sua subida ao Céu».

Para qualquer necessidade, 50\$. Alguns amigos do Bairro da Pasteleira, com 100\$. Dum Columbófilo do Porto, 150\$00. Amigo do Porto, da Rua João das Regras, anualmente se lembra da Casa do Gaiato, com um cheque de 3.000\$00. Duas presenças do Sr. Manuel da R. da Corticeira, com 40\$ de cada vez. Roupas de Lisboa. Mais camisas de Espinho. Caneças e lapiseiras da Murtosa. Um dicionário de Português, do Porto. António Silva, do Porto, também presente todos os meses com 50\$00. De Oliveira do Douro, sufragando a alma de pessoa de família, 1.500\$00. Mais 800\$, «que minha mulher oferece por ter passado num concurso, e que corresponde ao aumento de vencimentos».

Professora primária de Famação, aparece de quando em vez, sempre com muita alegria. 50\$ de Tomar. «Que Deus me perdoe», com 60\$00. Dois membros da Direcção da Cruzada de Bem-fazer de Viana do Castelo, com 180\$00. Visita anual do Pessoal da Fábrica de Malhas Marão com 386\$50. E do Porto, 20\$. «Por alma do Manuel», 100\$. Mais presenças com muito carinho, da Avó de Moscavide. Dois casacos e um bandolim, de Melgaço. E mais um pacote de roupas de «Duas viúvas de Ovar».

E tudo o mais que, por vontade de Deus, entregais em nossas mãos, no Espelho da Moda ou no Lar do Porto.

O Senhor vos pague.

Manuel Pinto



FESTAS — Correram bem as nossas Festas. O «Monumental de Benguela» e o «Imperium» do Lobito encheram. Muitos Amigos não puderam entrar e ficaram com pena. Outros quase ficaram zangados por não conseguirem o lugar que desejavam.

Não costumamos fazer convites. Anunciamos o espectáculo. Prevenimos. Abre-se a porta. E os amigos entram. Os que são, na verdade amigos põem de parte preconceitos de ordem social. Se mais atrás, entram na mesma. É uma festa de família. É uma confraternização. As barreiras que costumam separar os homens desaparecem.

O nosso Júlio, ao anunciar o espectáculo, falou de serão. Esta palavra está certa. Tem sabor familiar. Houve alegria. Muita alegria. Sentimo-nos felizes por comunicar alegria. Os homens são felizes quando comunicam uns com os outros.

Porque há tanta frieza no nosso mundo? A nossa volta? Na rua onde vivemos? Quem sabe, na família que é nossa? Porquê? Porque queremos viver sós. Esquecidos dos outros. Porque não damos na medida do que podemos e temos. Se muito, muito; se pouco, pouco. Mas que a nossa dádiva seja feita com amor, com sacrifício. Que não seja apenas supérfluo. Quanto mais nos custa a oferta, mais alegria sentiremos no dar. Assim faremos a paz. Assim viveremos em paz. Intimamente e fora de nós.

O nosso encontro no «Monumental» e «Imperium» foi uma oportunidade de reflexão sobre o bem que podemos fazer dando-nos as mãos. Assim aconteceu. Bem hajam todos os que entenderam a mensagem que quizemos transmitir.

Padre Manuel



BENGUELA — UMA CENA DO «TIO SIMPLICIO»



Pobres em espírito

É uma carta esclarecedora de um tema difícil. E no entanto o tema é fundamental: justamente o objecto da primeira Bem-aventurança.

Se «dos pobres em espírito será o Reino dos Céus»..., parece devermos concluir que não será daqueles a quem faltar o espírito de Pobreza. Ora o espírito de Pobreza é compatível com a posse efectiva de bens, mas tão difícil de conciliar que o próprio Senhor Jesus previne: «É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino dos Céus». Portanto não pode haver espírito de Pobreza que não conduza a uma vida pobre de facto, que o seja e, tanto quanto possível, o pareça.

Que delicada, pois, esta carta, que não nos atrevemos a comentar! O que ela diz de quem a escreveu! Oxalá ela diga muito a quem a ler!

«Estivemos eu e meu filho na Casa do Gaiato tendo V. a bondade de nos atender.

Não sei se se lembrará de nós...

Enquanto o esperávamos, entrámos na Capela e ajoelhámos ambos.

Pedi e agradei ao Senhor. Não esperava uma Capela assim. Impressionou-me.

Apenas a Capela ficámos a conhecer bem. Iamos com muita pressa.

Gostava de lhe pedir que nos não julgasse ricos porque realmente o não somos.

O meu marido é professor dos Liceus.

Mas nós fomos aí com um motorista fardado, que não é nosso. Eu queria explicar isto.

O meu marido por estar em exames não pôde ir buscar o filho e como na S.ta Casa da Misericórdia têm motoristas para as ambulâncias, resolvemos dar o dinheiro a ganhar a um deles em vez de a qualquer outro. Sinceramente que não gostei nada que o homem me aparecesse aqui fardado à porta. Afligi-me. Não estou habituada a estes luxos e doeu-me em vez de me lisongear. Fiquei aflita.

Quando chegámos à Casa do Gaiato eu não queria transpor a Vossa entrada assim, fingin-

do de rica e tentei deixar o carro ali na estrada, mas o motorista insistiu alegando que o tempo não era muito e parecia ser ainda longe que se encontraria alguém. Calei-me e lá seguimos, mas sinceramente preocupada pelo que estava a parecer e não era.

O carro é nosso e só depois de 23 anos de casados o conseguimos comprar!! Graças a Deus nada se deve dele. Com muito trabalho do meu marido e economia de ambos, temos, acima de tudo com a ajuda de Deus, conseguido favores enormes como este.

Eu queria pedir ao Senhor Padre uma Avé Maria por nós três rezada por vós todos, na certeza de que nunca esqueço a Casa do Gaiato e sei as maravilhas que nela se passam.

Não sei se voltarei ao Porto pois nem sempre vamos buscar o filho.

Em todo o ano lectivo só agora lá fui. No entanto quando fôr e tiver tempo, lá irei se Deus quizer. Foi o primeiro ano de estadia do nosso filho no Porto. Ele, com a sua idade, precisa muito das vossas orações».



VISTAS DE DENTRO

Vinha de Coimbra e encontrei-me com o Sr. Padre Carlos no Lar do Porto.

Era a hora do almoço.

Tudo bem e com boa disposição à volta daquela simpática mesa oval onde cabemos 16. Comido o caldinho chegam umas batatas cozidas com peixe. Metidas as primeiras à boca, toca o telefone. É para o Sr. Padre Carlos.

Quando ele vem ao Porto acontece sempre assim; não o deixam comer sossegado.

Regressou à mesa já nós estávamos a saborear umas nêspersas que os amigos do Bolhão nos deram.

Senta-se no seu lugar mas, quando se ia a atirar às batatas, estas tinham desaparecido.

Chama pelo «Botas», o refeitoreiro do Lar, e começa a refilar: — «Então não me deixas acabar de comer e por cima nem sequer me pões um prato para eu comer duas nêspersas? Isto é mas é uma pouca vergonha».

Alvaro, o chefe do Lar, corta a refilice e, com o seu sorriso maroto, põe em frente dele o prato já sujo do Raimundo, exclamando: «Pronto! Não se zangue mais que já está tudo resolvido.»

Padre Carlos, perante tanta descontração, só consegue balbuciar: «Que falta de consideração».

Lá comeu as nêspersas no prato do Raimundo, talvez com receio de as perder.

Todos rimos a bom rir com esta «falta de consideração» pelo senhor director, que eu não resisti a registar.

x x x

Pelo meio da tarde de um certo domingo, passei pela cozinha para ver como ia a vida por lá.

Em vez do «Chinês» e seu ajudante — os cozinheiros do dia —, vejo duas simpáticas moças que, de avental posto, cortavam hortaliça para a sopa. Ora eu não contava com tal nem me passaria pela cabeça ir encontrar raparigas onde só há rapazes.

Elas, descontraídas — estamos na época da descontração — não se desmancham com a minha admiração e dizem que estão a ajudar a fazer o jantar. Olho-as interrogativamente enquanto esboço um arzinho de dúvida. Perceberam o que eu pensava e rematam: — «Nós sabemos mesmo cozinhar».

Meio céptico — pois parece ser também da época elas nem sequer sabem estrear uns ovos — limitei-me a comentar: «Logo é que vou ver se sim ou não a sopa sai esturrada.»

Entretanto, «Chinês» e seu ajudante, que tinham aproveitado as voluntárias para ir dar uma voltinha, regressam sem demora. Compreende-se... nas suas idades... e aqueles dois

palminhos de cara bonitos.

O que mais me admirou, ao fim e ao cabo, foi a sopa não aparecer esturrada.

x x x

A batalha para a conquista do alcunha de Pica-pau para o «Vádio», que aqui já foi relatada, acabou em derrota após longos meses de luta.

O rapaz não consegue.

Nem o policiamento amigo feito pelos colegas resultou.

A semana finda em 27 apresenta esta lista de feitos a que foi chamado a contas:

2.ª Feira — Várias idas à fruta da nossa Casa.

3.ª Feira — Fuga para a rua onde andou na pedincha.

4.ª Feira — Tirou coisas aos colegas destruindo parte delas.

5.ª Feira — Foi trabalhar para as pocilgas. Com um ferro deu tanta pancada num porqueto, já com cerca de 5 arrobas, que lhe partiu a espinha.

6.ª Feira — Assalto ao pomar do Pároco.

Sábado — Nova fuga para a rua, que os colegas frustraram a tempo.

Visita ao pomar do Carlitos, nosso motorista.

Mais desvio de coisas dos colegas e destruição dum cai-

xote novo dos papéis velhos.

Domingo — Pregou uma finta a todos quando estávamos na Missa e assaltou a salinha de costura da Casa-Mãe.

Não lhe satisfazendo esta, foi ao quarto da Sra. Rita e pôs tudo em estado de sítio e tirou alguns objectos.

Na parte de tarde, temendo mais aventuras do género, foi encerrado na Adega da Casa Mãe.

Todas as coisas negou com uma convicção que nos desnorteia. Nem provas nem testemunhos dos colegas o levaram a dizer a verdade.

Não queremos perder o «Vádio», mas o facto de ser um atrasado mental com tendências acentuadas para o roubo, destruição e agressão força-nos a pensar em colocá-lo em regime próprio.

O nosso sistema de liberdade usada conscientemente pelos rapazes está contra indicado para ele que é inconsciente.

Precisa de observação especializada de psiquiatria, tratamentos adequados e muita vigilância.

Não sei a que porta bater para o receberem. Duvido mesmo que haja essa porta.

Quem ajuda a tentar salvar o

«Vádio» dando-me pistas para o encaminhar?

Quem quer colaborar connosco para ajudar o «Vádio» a deixar de o ser?

x x x

Não fiquéis admirados ou escandalizados ao ouvirdes dos nossos «batatinhas» afirmações como esta: «Eu não quero cá estar; quero ir pra minha casa, pra minha mãe».

Não vos espanteis. São verdades que saem da boca daqueles encantadores traquinas de caras risonhas e que vos parecem despreocupados e felizes.

Para além desta aparência de felicidade há um drama interior em cada um — o drama da sua origem — que já sentem e progressivamente consciencializarão.

A grande força de atracção que eles exercem em vós não é outra senão o vosso pressentir desse drama.

As suas afirmações são a voz da verdade a dizer a todos os homens da violência que lhes foi feita por não terem, como as outras crianças, um pai, uma mãe, um lar.

Reclamam pelo que lhes é devido e nada mais.

Mesmo aqueles, como o Jójó, que dizem que não querem ir embora, acabam com o tempo por fazer a mesma acusação.

Tampouco abafa a realidade de suas afirmações o facto de estarem connosco, tendo tudo como uma família.

Nós seremos sempre uma substituição e porque conscien-

tes disso, ultrapassamo-nos, ou fazemos tudo por isso, dando-lhes a nossa vida em resgate da deles.

Quando já conscientes, eles compreenderão que fazem parte duma Família, mas a dor e o drama de serem dos sem família, dos sem nome, permanecerá por toda a vida.

Este drama para os que não tiveram a dita de encontrar uma Família que substitua a natural resultará em tragédia e grande mal para todos os homens.

Mesmo dentre os nossos isto acontece. É que a substituição que somos só poderá atenuar a realidade natural na medida em que, para além do pai — que somos nós os padres e duma família que constituímos — encontrarmos uma mãe que possa, por força de muito amar, negar a si mesma, o direito de ser mãe para merecer ser mãe deles.

Não te escandalizes, pois, farsaicamente, ao ouvir verdades de suas bocas de crianças, nem os julgueis ingratos aos bens já recebidos.

x x x

A todos os que mandaram rebuçados ou dinheiro para os comprar por causa de não haver desistência da parte do meu desconhecido fazedor da cama, vai o meu obrigado.

Agora é o «Campanera» que tem esse encargo. Vez por outra comerá um rebuçado, mas os «batatinhas» é que se regalarão com eles.

Padre Abraão

Sinfonia incompleta

Cont. da PRIMEIRA página

vezes antagónicos de per-si, de novo avulsos, como no princípio?...

Ou mesmo, quando se não perde tudo do que foi começado, mas fica a obra em meio — sinfonia incompleta que muitas vezes escrevemos?...

Então a dor punge. Não nos afoga em desespero porque «um só que se salvasse — valia a pena a Obra; mas eles são tantos, mas eles são tantos...!!! (Estamos a ouvir Pai Américo) Mas punge! Só a humildade e paciência que Deus dá, a certeza de que a contradição e a morte são a garantia da Vida — só elas, confortam e remedeiam e nos salvam daquele aborto para outras gerações que esperam por nós.

x x x

No mundo que nos rodeia tudo se cifra em ganhar dinheiro. «Já ganha...» — temos ouvido nós tantas vezes de bocas profanas que promovem ou consentem a paralização de

uma adolescência que prometia um Homem.

Vidas que nos confiaram ainda tenras, quando precisavam de um amor concretizado em gestos de atenção exclusiva que não temos tempo de fazer. Quando a idade atingiu aquele nível em que o diálogo é uma necessidade e também uma possibilidade; quando nós finalmente começamos a ser capazes daquela atenção exclusiva, que é o que temos para dar e do que o Rapaz precisa e não encontrará facilmente quem lho dê — é o tempo em que já é capaz de ganhar dinheiro. Ou nele, ou de fora dele, virá tentação de o ganhar mesmo — e temos uma colheita prematura, uma obra interrompida, uma sinfonia incompleta que ninguém mais acabará de compor.

É uma inversão de lógica de que o Rapaz vem a ser a primeira vítima; e a segunda a Sociedade a que pertence, onde ele entra imaturo e, como regra, não recobrará mais a qualidade de fruto sazonado.

Trazem-nos o menino na primeira infância, quando ele pre-

cisava sobretudo do bafo feminino da mãe ou de familiar que a substituisse. Trazem-no a pretexto de que o não tinha — e nós aceitamo-lo por pobre remedeio, conscientes de que não é a primeira infância a nossa especialidade. O tempo passa, chega a idade em que a nossa acção é mais especializada... e chega também a falsa solicitude de algum parente que, de má-fé ou inconscientemente, provoca ou favorece a retirada. «Já ganha...» — dir-nos-á o parente, pouco evoluído. E algumas vezes também gente de muito alta responsabilidade!

O Estado Social que importa instaurar depressa e com decisão, não respeita apenas ao mundo dos valores económicos. O primeiro de todos os valores (princípio e fim da própria Economia) é o homem. A sociedade

que ganha um Homem é mais rica, potencialmente muito mais rica, do que a que acrescentou uma unidade ao índice do seu nível económico.

Deixemo-nos, pois, os que temos responsabilidade e o peso da experiência na formação de homens, da teoria do «já ganha...» e de um respeito mal-são pelos direitos do sangue de uma família invertida. E por amor das futuras famílias que a juventude de hoje virá amanhã a fundar e a sociedade precisa sejam sãs de corpo e mente — se renovem muitas mentalidades farisaicas que andam por aí pontificando; e se rasguem as leis que deixaram de prestar, caldos de cultura para mais «capelas imperfeitas», para demasiadas «sinfonias incompletas».



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Há muito que não tinha manhã tão saborosa! Foi ontem em Entre-os-Rios. Quem vai de Penafiel, na curva antes da contra-curva donde se descobrem os rios e a ponte, do lado direito, numa encosta que até há pouco era monte, levantam-se sete casas muito airosas que acolhem nove famílias. Estas já habitavam ali, desde que as casas foram acabadas — e muito bem! Mas era vontade do Pároco e das pessoas que mais intervieram na obra que se fizesse uma festinha de inauguração... Foi ontem.

Tudo muito simples. As casas rescendiam de asseio e do bom odor da natureza. Não podiam faltar uns arquitos de verdura e umas flores de papel.

PATRIMONIO DOS POBRES

Tampouco uns foguetes. Estamos no Norte!

No meio do pequenino conjunto, o Altar. Depois da benção das casas, a Santa Missa a marcar bem que ali é lugar sagrado, «Santuário de almas». Finalmente, o almoço na bela cantina escolar, prolongando a convivência dos moradores com o seu Pároco e seus compároquianos mais activos no erguer daquela obra.

A paróquia do Torrão fica, pois, com doze casas do Património dos Pobres. Parece-me que estão todas muito bem entregues: a indigentes que, pela sua idade ou estado de saúde, mal podem grangear o pão de cada dia.

Casas pequeninas mas suficientes. Não há famílias numerosas. Para estas, antes a casa própria, construída em regime de auto-construção, ou naquela espécie desta, mais incipiente, que nós denominamos de «Pequenos Auxílios», a qual, se não é ótima, é boa e tem estimulado e permitido a centenas de famílias sair das cortes em que viviam a monte para casas decentes, humanas, onde a geração que as fez já muito progrediu enquanto as fez e das gerações seguintes se espera ainda melhor resultado.

Da janela da Cantina onde almoçamos, o Pároco nos mostrou uma casita destas. Que linda! Quem chegar à dita curva em que se fala acima, vê-la-á

ainda melhor, na margem sul do Tâmega, sobranceira ao rio.

E haverá até quem se escandalize com o luxo! Ainda há muito quem não esteja afeito a uma Pobreza limpa, digna, alojada em dimensões suficientes. Eu não. Afora o desequilíbrio, que mais vezes surge de ignorância e falta de quem oriente — eu prefiro ajudar as casas bem dimensionadas, talladas para o futuro da Família que hoje é e do que pode vir a ser. Nem que se não possa acabar tudo de uma vez no que é accidental: forro, rebocó, pinturas... Quem com bom senso soube construir para amanhã,

refeito do esforço da primeira etape, não faltará à segunda. E se foi capaz de vencer a primeira, porque não há-de voltar a sê-lo?!

Fiquei muito contente com aquela vista, a rematar a consoladela de todo o fim da manhã. Abençoei quem nos permitiu dar a telha que cobre aquela linda casa de Pais e nove filhos — e tantos outros telhados que abrigam Famílias semelhantes. E pedi a Deus que nunca seque este pequenino agueiro, que tem dessedentado tantos, sem sede, sem organização, sem burocracia, sem fundos.

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

inaptidões para se realizar como homem, arrastando-se penosamente, com tédio de si próprio e sujeito das mais diversas alienações. Certas exteriorizações que se enxergam para aí não são outra coisa do que a manifestação do que acima acabamos de apontar.

Nunca se falou tanto em social como no tempo em que nos situamos. Desprendem-se bandeiras reivindicativas de todos os géneros e feitios. A contestação atingiu o auge. Nunca, porém, se viu tão pouca gente disposta a realizar com a entrega da própria vida, para lá das suas limitações ou defeitos, o Mandamento Novo que o Senhor Jesus nos deixou há quase dois mil anos! Ideias há que cheguem e bastem; o que é preciso é passar das palavras aos actos. Sacerdotes e leigos, homens e senhoras, solteiros e viúvos abundam sem saber que sentido dar à vida, num quase vegetar doloroso, com náuseas de si mesmos ou em frustrações patológicas por falta de realização. As mais inverosímeis dificuldades se antepõem para que muitos dêem o salto e se disponham a servir os Irmãos mais carecidos. Onde estão os voluntários do Amor, que se proponham servir os outros, sem compensações de ordem humana ou calculismos frios de auto-satisfação de caprichos?

O progresso da técnica levamos à lua — mas para quando pôr em prática o ensinamento do Mestre que nos mandou amar os outros? Centenas

de crianças abandonadas ou sem família, inúmeros doentes sem assistência ou falhos de carinho, milhares de pessoas sem abrigo ou em dificuldade, esperam que das palavras se passe à acção. Nas nossas Casas há lugar para esses voluntários. Mais do que de bens materiais há necessidade de almas doadas. Sem estas não será possível estender as mãos, para erguer, a milhares de irmãos prostrados ou em perigo de naufrágio. Porque não há-de ser a época em que vivemos, além de tecnológica, época do AMOR? Farto de palavras está o Mundo. O que precisamos é de obras. Deixa os bois, as quintas, e as coisas que te prendem e vem. «Se alguém quer vir após mim, negue-se a si próprio, tome a sua cruz e siga-me». «De que serve ao homem ganhar todo o mundo, se isto vier em prejuízo da sua alma?» «Todo aquele que deixar a sua casa, ou os seus irmãos, ou os seus campos, ou o seu pai, ou a sua mãe, ou a sua mulher por causa do meu nome receberá o centuplo e possuirá a vida eterna». O «Tshombé» está com 39,8º de febre e precisa de uma injeção; o Zé António borrou-se em seus 3 anos descuidados e necessita de banho; os mais pequeninos precisam de ir para a praia e carecem de carinho e vigilância; à espera de nós, porém, há muitos outros cuja vinda é condicionada pela tua. Sem almas disponíveis não é possível um Mundo melhor! Desprende-te e vem.

Padre Luís



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Cont. da PRIMEIRA página

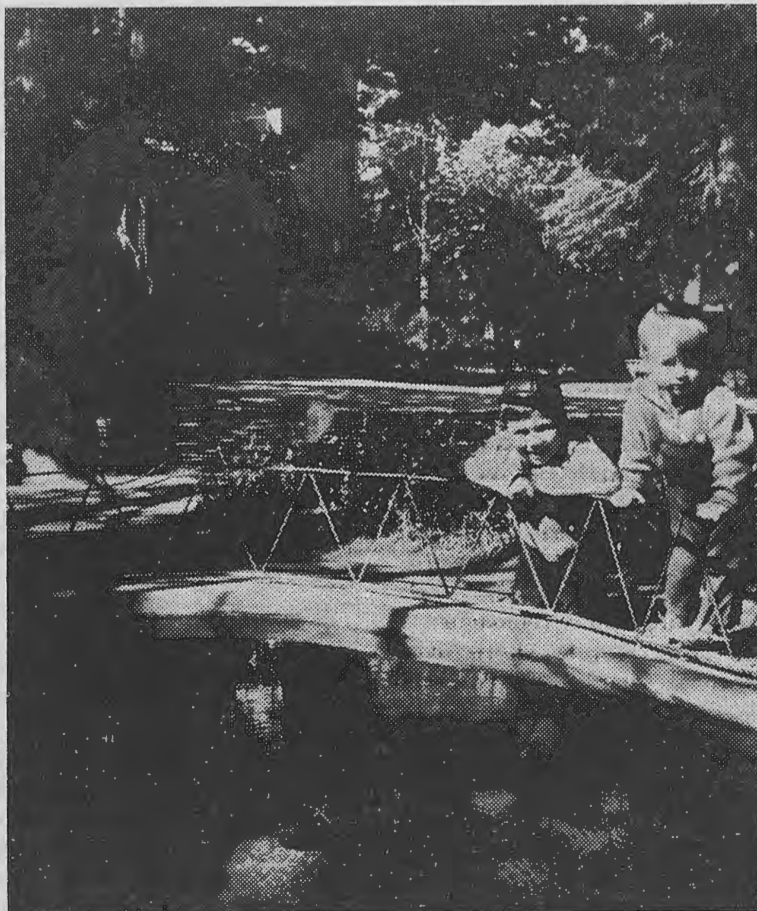
teza transmitirá facilmente os seus defeitos e muito penosamente as suas virtudes.

Cada homem tem a sua personalidade. Cada raça, ou povo, também. Não discutamos qual é superior. Aceitemos que cada um tem algo que o outro não. E que só pondo em comum, fraternalmente, todos os valores, se consegue uma sociedade humana máximamente rica.

Por isso quem vai para dar, não se feche a receber. Cada vez vou compreendendo melhor

ÁFRICA

quão mais difícil é receber do que dar, sobretudo quando se trata de valores do espírito. Mas, neste caso, acreditarmos que temos algo a receber e dispormo-nos a recebê-lo é condição fundamental para sermos



PAULO ALEXANDRE E JORGE, FILHOS DO AMÉRICO, SORRIEM PARA A OBJECTIVA.

recebidos por aqueles a quem fomos enviados para dar.

Perdoai que illustre este pensamento com uma experiência de Casa. É o nosso P.e Telmo. Que alma de missionário ele tem! Que brilho nos seus olhos, que pureza na sua boca, que delicadeza no trato, que respeito o não enche — quando fala dos seus rapazes ou dos seus trabalhadores, ou quando fala com eles! Há nele um tal conteúdo de verdade, um tão intenso desejo de servir — que eles entendem. Entendem e correspondem, como há duas quinzenas P.e Telmo tão discretamente nos contava daquela ajuda espontânea e gratuita dos Povos vizinhos da nossa Casa de Malanje na colheita do algodão e do girassol. O que ele não disse, mas alguém o fez, foi a razão daquele auxílio: «Porque o Senhor Padre Termó é muito nosso amigo.»

Eis uma linguagem que não tem sido falada: a da amizade, a de um amor incarnado, como o do Mestre, que chorou ao saber da morte do seu amigo Lázaro, ou sobre Jerusalém, «que não quis conhecer o tempo da sua visitação.»

Mas, para que a Humanidade seja a Família Humana, que outro caminho havemos de seguir senão amarmos o nosso Próximo como o nosso irmão; e, por sobre todas as linguas que dividem, falarmos-lhe a linguagem universalmente única do amor?

Visado pela

Comissão de Censura